

# MICROSCOPIO

Cento e sessenta pessoas pre-eminentes da República Argentina acabam de lançar um manifesto à nação. Poucas palavras, apenas. Nem dissertações doutrinárias, nem eruditas considerações históricas. Dir-se-ia mais um grito de angústia, do que um manifesto vasado nos moldes usuais. Mas, por isto mesmo, quanta eloquência naquela meia dúzia de linhas! Democracia efetiva e real solidariedade americana é o que se pede, quasi com o desespero dos naufragos.

Este é, com efeito, o duplo imperativo das nações americanas no atual momento.

A semelhança e paralelismo de sua formação histórica, a sua situação num continente notavelmente homogêneo, apesar de se estender quasi de polo a polo, a ausência das multisseculares divisões políticas e religiosas do Velho Continente, tudo isto concorria a formar uma unidade natural, como peça fundida de um só jacto. A fúria nazista, que se desencadeou no mundo, ameaçando trazer-lhe a civilização, tornou agora imperiosa e urgente, uma solidariedade, que se vinha lentamente caldeando: ou salvem-se tôdas as nações americanas, ou perecem tôdas. Sendo assim, mal se compreenderia que, estando umas a lutar pela salvação comum, se quedassem outras indiferentes, ou auxiliassem de qualquer forma o inimigo.

Não menos clara do que a solidariedade é a necessidade de democracia efetiva em todas as nações do Continente Americano. Esta luta, por mais complexos que sejam os seus aspectos, por mais imprevisíveis que se afigurem as suas consequências, é sobretudo uma luta de dois princípios: Ormuzd e Ahriman, a luz e a treva, a liberdade e a escravidão. Ora, quem defende, ou pretende defender a liberdade, não pode começar por estrangulá-la em seu próprio seio. Ao Norte, ao Sul, ao Centro, é idêntico o dever das nações americanas que se dizem solidárias: exercer de fato o regime, cujos altos princípios apregoam defender.

RAUL PILLA